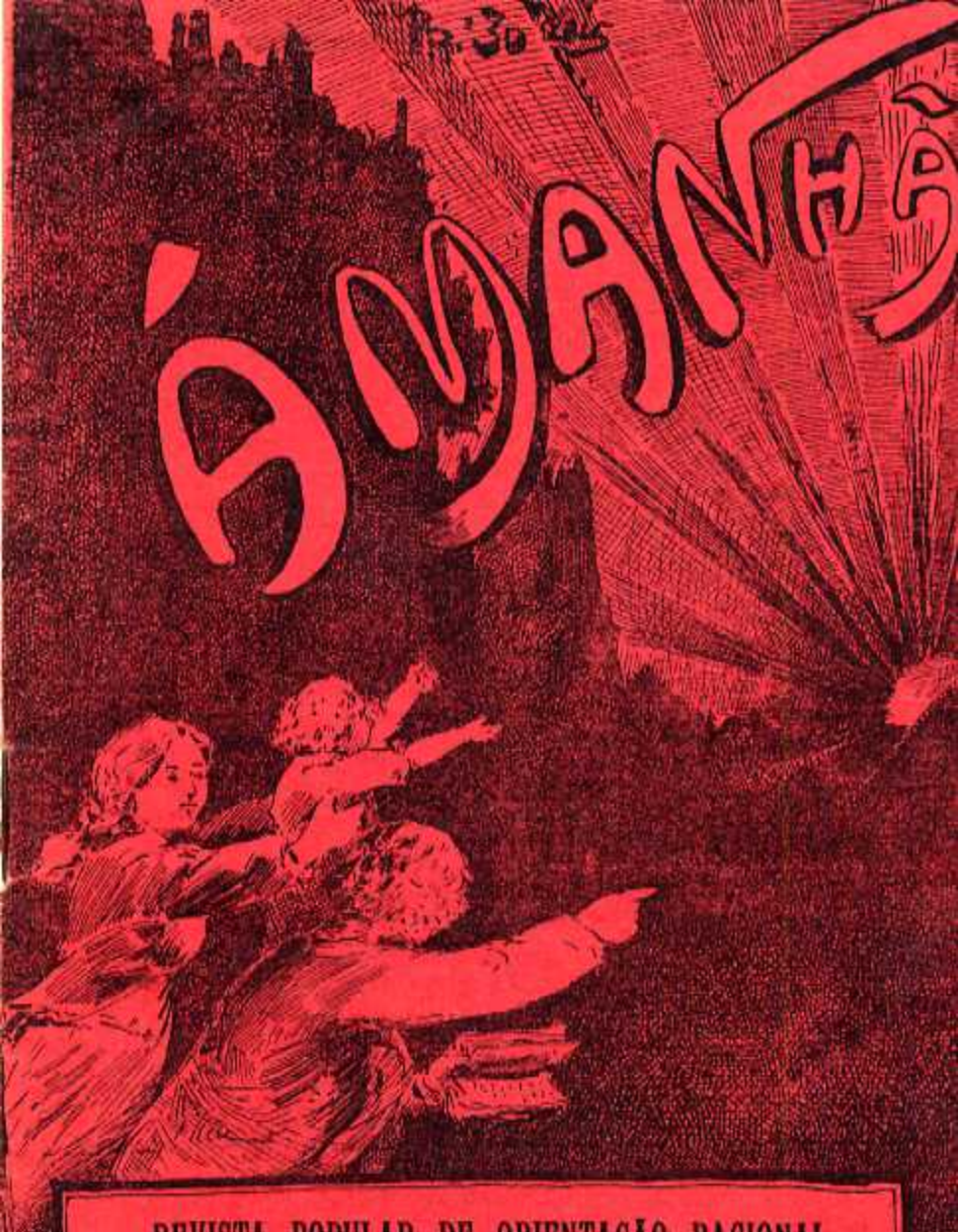

REVISTA POPULAR DE ORIENTAÇÃO RACIONAL

SUMÁRIO: **N.º 1**

Ao leitôr, *pela Redação* — **Saúdando — Eduquemos sempre,** *por Emílio Costa* — **Sobre educação integral,** *Deolinda Lopes Vieira* — **Um crime,** *conto de José Bacelar* — **A Mãe,** *sonêtos de Manuel Ribeiro* — **Um dilêma,** *Tomaz da Fonsêca* — **A dificiencia do divorcio,** *por Pinto Quartim* — **Espediente** — **Capa,** *desenho de Cervantes de Haro*

PROPRIETARIOS E DIRETÔRES: Grácio Ramos e Pinto Quartim
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua dos Mouros, 30, 2.º — LISBOA
Enc. e Tip. Fernandes — R. Retroseiros, 5 e 7

Snr.

Tomâmos a liberdade de vos remeter o presente n.º da revista « Ámanhã » rogando para ela toda a vossa atenção afim de poderdes avaliar da sua qualidade, do seu interesse e da sua utilidade.

Se no vosso criterio achais que « Ámanhã » é uma publicação digna de ezistir, será dever vosso prestar-lhe a vossa coadjuvação, já colaborando nas nossas colunas de acôrdo com a orientação e indole da revista, já assinando e fazendo assinar a « Ámanhã », enviando-nos endereços de leitôres provaveis, comprando e propagando todas às publicações da pequena biblioteca racionalista que tencionâmos editar, adquirindo e fazendo adquirir aos vossos amigos todos os livros de que necessitem, na nossa séde administrativa.

Dado o caso de os nossos intuitos e a nôssa iniciativa não merecer a vossa simpatia (pois bem sabemos que nem a todos podemos agradar), será gentileza muito digna do nosso reconhecimento se nos devolverdes, com a respétiva cinta, o presente ezemplar antes da saída do n.º seguinte, lembrando-vos que nada despendereis com a devolução pois não é precizo colar nova estampilha bastando escrever na cinta em que vai endereçada a indicação: *devolvido à administração*.

Por este favôr, ou pelo interesse que digneis tomar pela vida e prosperidades d'esta obra de educação social, profundamente reconhecidos se confessam

Gracio Ramos e Pinto Quartim

Proprietários e Diretôres
GRÁCIO RAMOS & PINTO QUARTIM
Tip. Fernandes
5, R. Retrozeiros, 7
— Lisbôa —

ÁMANHÃ

Séde provisória da
Redação e administração
R. dos Mouros, 30-2.º
Lisbôa (Portugal)

Revista popular de orientação racional

I SÉRIE | Lisbôa, 1 de Junho de 1909 | NÚMERO 1

Ao leitôr

Quem sómos?

Somos os precursores do futuro, os precursores do ámanhã.

O que queremos?

Queremos pão, liberdade, ciência e bem-estar para todos os que compõem a grande familia humana. Queremos que a cada individuo assegurado seja o seu máximo de felicidade. Queremos uma sociedade nova onde os homens de todas as latitudes, de todos os povos, de todas as raças, de todas as côres, como bons irmãos, generosamente se amem e mutuamente se auciliem; onde a mulhér seja a mãe desvelada, a esposa afétuosa, a companheira confortadora do homem na vida social; onde a criança cresça e se desenvolva em toda a sua espontaneidade; onde os velhos possam acabar seus dias rodeados de bem-estar e de carinhos. Sociedade onde a formosa canção do amôr, que tudo cria e tudo purifica, se encontre sempre á flôr dos labios da juventude. Queremos, enfim! que a Vida espluda por toda a parte do glôbo, intensa, plena, ezuberante, esplendida!

— Méras vizões de utopistas — direis. Oh! não, não! homens céticos, pessimistas, achacados e impotentes! Não são sonhos loucos gerados pelo muito amôr que do nosso coração transborda; não são sonhos delirantes da nossa mente em laboração constante; não são fantazias criadas pela nossa avidez de justiça e de liberdade. Não! O futuro social que o nosso cérebro compreende e o nosso coração ama, é a conclusão de toda a ciência moderna; é o resultado da esperiencia adquirida no transcurso de todos os seculos; é a dedução do exame concienciosamente feito ás tendencias do progresso e ás aspirações da humanidade.

«O gôzo é a essencia da vida» — proclama o a natureza inteira.

E se a vida é hoje um sofrimento pegado; se o Homem vive insatisfeito, atormentado, oprimido, definhado; se vagalhões de sangue e de lagrimas se espraiam pela terra em fóra, é porque a humanidade vive no êrro, e o êrro só gera dores e sofrimentos; é porque o Homem desconhece a verdade, e só a verdade lhe proporcionará prazeres.

Enquanto a mentira dominar o mundo, a dôr continuará esfacelando com suas garras adúncas o coração dos Homens; os soluços, as lamentações e os ais que da terra se evolam, continuarão ferindo o espaço com o seu clamor punjente.

Quando ao dominio da mentira suceder o império da verdade, a vida será por todos aspirada a largos haustos; os homens e as mulheres, os velhos e as crianças, felizes e livres, encherão os ares com seus gorjeios e harmonias.

— Mas como ha-de o Homem obter a verdade?

— Instruindo-se. Mas instruindo-se não no dogma, não na abstração, mas na analize, na ciência, no racionalismo; desprezando todas as ideias velhas, toda a rotina, todas as tradições do passado, e vendo pelos seus proprios olhos, raciocinando pelo seu proprio cérebro, criticando, discutindo, investigando tudo e livremente, sem respeito pelas ideias puramente convencionais dominantes no nosso meio

A ciência é a redentôra da humanidade. Só a ela devemos adorar, só a ela devemos obdecêr porque ha-de sêr ela que, com ternura e segurança, nos ha de conduzir a essa idade feliz, a essa idade de bem-estar pressentida por todos os filosofos, sonhada por todos os pensadôres.

«A'manhã» aparece hoje pâra descobrir os êrros que no fundo de cada uma das nossas instituições sociais existem; para espurgar do cérebro dos Homens as ideias falsas legadas por um passado de obscurantismo e de ignominia, e aferradas na mente das nossas gerações pela educação oficial, servil, dogmatica e metafisica.

A nossa obra julgamo-la útil porque nada de mais elevado nem de mais sublime podemos concebêr do que destruir o que até hoje tem sido a causa de que a humanidade tenha sofrido tanto!

No meio deste anacronismo atual em que o arcáico, o falso, o convencional é o que se respeita, e em que o novo, o verdadeiro, o natural é o que se despreza, surje «A'manhã» destruindo mentiras,

desrespeitando convenções, criticando todo o existente, esparjindo verdades, despertando pâra o raciocinio, pâra a investigação e pâra a crítica os espiritos que encaram com a mais ignominiosa indiferença o cenário horrivel de miseria e de luta que a sociedade atual nos apresenta.

Communicar — aos que sofrem, como nós, a dôr que o êrro orijina — o que, sinceramente, cremos sêr hoje a verdade; evidenciar ás intelijencias castradas pelos atuais sistemas educativos as mentiras relijiosas e sociais que fundamentam o servilismo humano; trazer aos corações torturados a esperança de um reinado de amôr e de igualdade sobre a terra, — eis os nossos intúitos ao oferecermos hoje, leitôr, ao teu julgamento e á tua meditação, a revista que ora tendes nas mãos.

Que a nossa obra seja bem acolhida pelo público e que dela algum proveito rezultar possa, para bem da humanidade que hoje apenas só sabe chorar e sofrêr; e que a ti, amigo leitor ou leitora carinhosa, ela te consiga fazer ouvir os sons lonjinqüos do preludio molodioso da canção da vida que a humanidade futura, venturosa, entôa; e que te consiga fazer vêr, atravez desse teu pessimismo ou indiferentismo e ao de lá das ingremes montanhas que a humanidade subindo vai penozamente, o crepúsculo estranhamente radioso, precursôr desse amanhã social que a ciência nos anuncia e que constitue a esperança suprema e vivificadora de todos os párias, de todos os oprimidos, de todos os deserdados, de todos os famintos de pão, de amor e de liberdade -- tais são os votos mais ardentes da

Redação.

Saúdando

A tôdos os professores e propagandistas, a tôdas as associações e publicações periódicas que se interessam, advogam e patrocinam a causa da educação e instrução populares, a revista *A'manhã* dirije as suas calorosas saúdações e afirma a sua adesão a tôdas as iniciativas que tenham por fim a completa emancipação intelectual do pôvo.

Eduquemos sempre

Se alguma coisa nos pode animar nas manifestações da vida social portuguêsa, fazendo-nos crer que um progresso se realizará, a despeito de toda a politicajem que para aí se tem desencadeado, é a preocupação que se nota em dar um desenvolvimento progressivo á educação da massa em geral. Não se pode duvidar de que essa preocupação eziste, tentando cada um realizar o que crê ser o melhor, mas todos dando mostras de que a preocupação tem raizes fundas, pela constancia que os trabalhos denotam. Isto quer dizer, que é arreigada a convicção de que sem se tratar de resolver a questão da educação nos seus múltiplos aspétos, tudo que se tentar ou se fizer será de nulos ou minguados resultados. E desde que essa convicção eziste, desde que é real e grande o desejo de resolver aquela questão, nada poderá impedir que se trabalhe para esse fim, o que quer dizer, que nada poderá impedir que se realizem os progressos na educação como conseqüencia fatal d'aquele trabalho. Sendo o progresso geral derivado do progresso da educação, pode, parece-me, dizer-se afoitamente que o povo em Portugal, está entrando numa faze de acentuado progresso, embora desta afirmação se riam os que só teem olhos para os lados maus das coisas, ou os descrentes que já não podem acreditar que neste paiz se possa andar para a frente.

Que importa que muitos êrros se pratiquem, que muitas asneiras se digam, que muitas verdades não sejam escutadas, que haja muita confusão, muita vaidade, muita intriga e até muito calculo, em toda a atividade que se manifesta no campo da instrução e da educação? Tudo isso tem acontecido em todos os tempos, em toda a parte e com todas as questões, e é natural, é fatal que seja assim.

A despeito de toda a parte má da obra, o progresso ha-de realizar-se, porque se ha-de aproveitar pouco a pouco o que nela ha de bom, e ir-se assim desenvolvendo a conciencia colétiva, unica forma de realizar o que todos pretendemos: a máxima autonomia aliada á máxima solidariedade, aliança esta que constitue a única base, em que pode acentar a maior soma possivel de bem-estar geral.

E' do progresso da mentalidade que resulta este bem-estar e só uma educação apropriada o pode dar. E' por isso que se todos se preocupassem com o lado educativo da propaganda que fazem, as coizas realisavam-se em metade do tempo. E' necessario que cada um, dentro da esféra da sua propaganda, tenha principalmente em consideração, em que pode ela favorecer a autonomia mental daqueles para quem a propaganda se faz. E' o que raras vezes acontece; a maior parte dos homens que propagam uma ideia, o que teem sobretudo em mira, é que a sua ideia seja aceita o mais integralmente possivel, para maior satisfação pessoal. Isso é bom, sem duvida; mas lembremo-nos de que em geral, quanto mais depressa e mais integralmente uma ideia é aceita, menos autonomia mental se manifesta, maior é a inconciencia.

Não nos importemos tanto com a porção, se assim me posso esprimir, aceite da ideia que prégamos, como com a forma porque ela é aceita. Quer dizer, façâmos educação, esforcemo-nos por autonomisar o mais que pudermos o cérebro de quem nos ouve ou nos lê. Façâmos isso sempre, quer se trate de primeiras leituras pára crianças, quer préguemos nos meios operários a necessidade da emancipação economica, relijiosa ou politica. Aproveitemos este despertar d'enerjia que se nota em Portugal, para a canali-

zarmos o melhor que pudermos, num sentido favoravel ás ideias de liberdade que defendemos. Ha muita gente que fala d'educação; tratemos de aproveitar a ocasião para educarmos bem, porque muitos, ainda que de boa fé, hão-de educar mal. E educar bem, é emancipar cérebros, a toda a hora, em toda a parte e com toda a gente.

Emilio Costa.

Sobre educação integral

Educação integral! Eis um dos assuntos que, pela sua estraordinaria importancia, mais requer a atenção de todos os que se dedicam e se interessam pelas questões de educação. Pâra êle devem converjir não só as atenções de todos os professores e professoras mas os cuidados de todos os individuos, homens ou mulheres, a quem a apatía e a indiferença, tão proprias do nosso meio, não conseguiram ainda insensibilizar.

E' um êrro julgar-se que as questões pedagójicas só devem interessar aos professores. Não é assim. Todos os individuos, chegados á época da puberdade, desejam casar, ter filhos, constituir familias, mas nem sequer um só instante pensam na dificilima tarefa que a educação de seus filhos lhes vai impôr.

A' criança não se poderá ministrar uma educação perfeita e sã enquanto todos os pais não auciliarem, não continuarem no lar — o mais influente meio educativo — a obra do professôr iniciada na escola.

E' necessario que, pais e professôres, se unam e se combinem pâra o bom êzito da mesma causa, se conjuguem pâra a realização do mesmo ideal.

As questões pedagójicas, pois, merecem e precizam do estudo, do desvelo e do dedicado amôr de todos os homens e de todas as mulheres.

*

Neste imenso oceâno de maldade e de hipocrizia, de violencias e de injustiças, de devassidão e de crimes em que a humanidade, a pouco e pouco, se vai submerjindo e esforçadamente se debate, a educação da infancia será, sem duvida, a sua única tábua de salvação.

Pâra que assim aconteça, torna-se indispensavel e urjente uma profunda remodelação no insino; uma como que revolução na maneira de insinar presentemente.

A fim de que a educação seja útil e benéfica, é precizo que ela vize conjuntamente o cérebro, o coração,

e a saúde e vigôr fisico da criança, isto é, que ela tenda a desenvolver normalmente as suas faculdades fisicas, intelectuais e morais.

Pâra uma profícua educação intelectual é absolutamente necessario substituir o dogmático e obscuro método de insino até aqui adotado nas escolas, por um método simples, racional e essencialmente ciêntifico Deve-se habituar a criança a raciocinar, a procurar ela propria, com a sua natural curiosidade, conjuntamente com o professôr e auciliado por êle, o *porqué* das cousas, recorrendo tanto quanto se possa a um processo empirico e a um método analítico, para que as noções adquiridas sobre os diferentes ramos do sabêr humano não lhe sejam impostas duma maneira confusa e abstrata mas sim colhidas o mais esperimentalmente possivel.

Devem ser banidos por completo tôdos os dogmas insinados hoje na escola já sôb o aspéto relijioso, já sôb o aspéto politico, visto que a questão fundamental de tôdo o insino perfeito é formar homens livres e independentes e não sectários desta ou d'aquela ideia politica ou relijiosa.

A instrução assim baseada num método puramente racional, desenvolverá sobremaneira as faculdades mentais da criança, tornando-a apta para livremente pensar por si propria, e simplesmente aceitar o que o seu raciocinio concebêr como verdadeiro e como lójico.

Sôb o ponto de vista fisico, deve-se atendêr cuidadosamente ás condições hijiénicas do edificio escolar: localização, ventilação, luz, mobiliario; á permanencia dos alunos na aula; enfim, a tudo que possa alterar ou ezercêr perniciosa influencia no estado de saúde dos educandos.

Não se deve tambem lançar ao desprezo o desenvolvimento muscular da criança. empregando-se para esse fim, durante os primeiros anos, os jogos infantis ao ar livre podendo e devendo serem aí introduzidos os trabalhos de jardinajem.

A criança preciza de possuir plena liberdade de movimentos.

O saltar e o corrêr, são-lhe de uma necessidade imprescindivel.

Habituada a criança a trabalhar, saberá respeitar e amar o trabalho e repelirá a ociosidade.

O que deixo dito aplica-se simultaneamente ás crianças de ambos os sécsos.

Resta-me agora fazer umas lijeiras considerações

sobre a maneira de educar, encarando a questão pelo lado moral.

Eis aqui o ponto mais delicado de tôda a obra educativa.

Ainda que a educação literária e cientifica seja o mais lójica e habilmente ministrada, ilustrando e enriquecendo o cérebro da criança com conhecimentos positivos e ezátos, a obra do educadôr será incompleta e quási nula se êle se não tiver esforçado por, por meio do ezemplo sobretudo, fazêr dos seus alúnos caratéres íntegros, corações que se dilatem pelo Bem, que saibam sentir, como se seus fossem, os sofrimentos dos seus semilhantes.

Uma intelijente analize psicolójica tem de ser feita por parte do educadôr nos seus educandos, podendo essa analize sêr realizada todas as vezes que a criança manifeste espontaneamente a sua maneira de procedêr pâra com as outras crianças, suas companheiras, especialmente quando com estas se encontra em franca liberdade durante as chamadas horas de recreio. O professôr ficará desta forma conhecendo o íntimo dos discipulos, sabendo quais as qualidades a aperfeiçoar neste, ou a modificar naquêle.

Além disto, uma inovação importante deve sêr introduzida na organização escolar a fim de tornar perfeita a educação moral da criança. Refiro-me á educação conjunta dos dois sécsos.

O sistêma co-educativo fará desaparecer tôda essa especie de despeito que hoje eziste entre o homem e a mulher. O homem tornar-se-á no que na realidade deve ser: o amigo, o irmão da mulher; e vice versa.

A educação comum de ambos os sécsos, será duma grande vantájem para a formação e aperfeiçoamento dos caratéres.

Ao homem educado com a mulhér sêr-lhe-á transmitida por esta uma pequena parcela da sua doçura, da sua natural afabilidade.

Por sua vêz, a mulhér educada com o homem, adquirirá um temperamento mais enérjico e audaciôso.

Só por meio da co-educação se estinguirá esse acanhamento e esse receio ridículos que hoje se notam entre rapazes e raparigas quando, por acaso, se encontram em convivencia.

O sistêma co-educativo já é pôsto em prática lá fóra, e, na verdade, assim deve sêr. Pois haverá facto mais irracional, mais ilójico do que conservar-se sempre separados êsses que mais tarde tão estreitamente

se hão-de unir completando a entidade humana, cavando como que um abismo, levantando como que uma barreira entre êles pâra que permaneçam num completo desconhecimento um do outro?

Só com um processo pedagójico como o que, nestas curtas linhas, lijeiramente tentei delinear, a educação atinjirá o seu fim: - a perfeição do individuo.

Eduquemos as novas gerações integral, racional e cientificamente, e uma humanidade nova composta de organismos robustos, de cérebros ilustrados, de corações afetuosos, de caratéres dignos, sucederá a esta humanidade de raquíticos, de ignorantes, de egoístas, de sêres sem dignidade e sem enerjia.

Deolinda Lopes Vieira.

Um crime

— «Então?»

— «Nada»

Ela sentiu-se desfalecêr. Em casa não havia coisa alguma. E as crianças pediam pão... Era de mais! E desatava a chorar, cheia de angústia.

O marido sentou-se, pensativo e sombrio, com um fundo suspiro de cansaço. Havia três mezes que êle n o tinha trabalho, apesar de ser um bom serralheiro A miseria, pouco a pouco, tomára-lhe conta do lar. Tinha tudo empenhado: móveis e roupas. Agora, via-se peor do que nunca: na mercearia haviam-lhe suspendido o crédito, o padeiro recusava-se a fornecer lhe mais pão; e, por ultimo, o senhorio ezijia-lhe o pagamento, num limitado praso, das rendas atrazadas, sob pena de ser posto na rua. Esperavam-no, assim, todos os horrores da miseria. E por quanto tempo? Correra todas as fábricas, todas as oficinas: estava tudo cheio, ninguem o queria! Depois, os filhos! Os filhos! Que seria dos pobres pequeninos? E maldizia, mais uma vez, intimamente, o ventre fecundo de sua mulher.

Lá fóra, entretanto, escurecia lentamente. Grandes nuvens negras e ameaçadoras rolavam, acastelavam-se pelo ceo lilaz, velando a face doirada e gloriosa do sol. Pela janela aberta da sua acanhada trapeira, entrava esse ar quente, sufocante, opressivo, que antecede as trovoadas...

Ela sentou-se tambem, chorando e soluçando convulsivamente. De súbito, balbuciou, olhando o marido, coberta de lagrimas, num grande aperto de coração:

— «E... ainda tu não sabes tudo... Que... desgraça... que desgraça a nossa! Era o que nos faltava, agora!»

Êle erguendo-se, avincou a fronte, perguntou, ferozmente, cruzando os braços:

— «Fala! Que temos mais?»

Ela escondeu o rosto nas mãos trémulas e magras, estrangulada pelos soluços

O marido avançou, sacudiu-a rudemente:

— «Fala!»

Ela continuou chorando.

Ergueu-a de repelão:

— «Já te disse.. »

A mulher curvou a cabeça, pendeu os braços, baixou os olhos cegos de lagrimas, gemeu:

— «Estou gravida!»

Ficou-se a olha-la, imóvel, boquiaberto, aterrado... De pé, na sua frente, branca de morte, ela contemplava o agora, tranzida de angustia.

Subitamente, êle levou as mãos á cabeça, circunvagou um olhar desvairado... Depois, fez-se rubro, o seu rosto contraiu se numa espressão terrivel; e, rangendo os dentes, gritou, de punho erguido:

— Outra vez, maldita?!»

Ela recuou, com os olhos borbulhantes de agua, poz as mãos, soluçou, tremendo toda, lívida de terror:

— «Por alma de tua mãe, não me -»

Não poude concluir, furiosamente afogada pelas mãos convulsas do marido:

— «Outra vez, maldita?!»

Ronquejou, tentou defender-se, estrebuxou, teve um olhar apavorado e suplicante . Êle não via nada: apertava, apertava sempre:

— «Outra vez?!»

Estava completamente desvairado, uma nuvem purpurea lhe corria pelos olhos... Levou a mulher de encontro á parede, fincou-lhe brutalmente um joelho no ventre, apertando, apertando sempre:

— «Outra vez, maldita?!»

O rosto da mulher tornou-se de violeta: os olhos, bretados de sangue, revolveram-se-lhe á flor das órbitas, tornaram-se-lhe vitreos . De súbito, crispou as mãos, pendeu os braços, um grande e ultimo estremecimento correu-lhe todo o corpo e tombou no chão, pesadamente, inerte...

*

Olhou-a, estendida aos seus pés, sem compreender ..

Ouvindo os gritos, o choro alto dos filhos, recuperou a consciencia, poude abranjer, enfim, num terrivel segundo, toda a sua enorme desgraça. Soltou um grande grito de espanto e de horror e caíu sobre uma velha cadeira, ezausto, aniquilado.

Fez um relampago, outro brilhou, enchendo d'uma luz azulada e viva a mizeravel trapeira...

Ergueu-se, cheio de terror, olhando mais uma vez a mulher inconcientemente estrangulada. Ela parecia fita-lo com os seus olhos mortos, descomposta, roxa, duplamente sinistra sob o fulgôr dos relampagos .

Correu á porta, abriu-a, e, sem saber como, achou-se na rua, fustigado pela chuva que principiava a caír, em grossas bagas, do ceo baixo e negro. Viu um policia, correu para êle, gritou-lhe com indizivel angustia:

— «Prenda-me, senhor! Matei agora minha mulher!»

. . . . . .

Êle proprio me contou a historia do seu crime, tempos depois de cumprir a sua pesada sentença.

Era ainda novo e, não obstante, tinha a cabeça toda branca..

José Bacelar.

A Mãe

I

SUA TERNURA:

Com que alvoroço trémulo e espectante
chega a maternidade um dia,—como
da simples flôr se desentranha o gomo
a um raio de sol mais perturbante.

Vão-se os flancos erguendo na ondeante
vida que irrompe altiva, num assomo.
O seio branco amadurece em pomo
que o filho, ancioso, já não está distante.

No futuro que a Mãe lhe vai a erguer
a terra é pouca já p'ra êle ver
e pequeno o universo p'ra sonhar.

Mas, ei-lo enfim que chega.. E a terra e o espaço
se circunscrevem no minguado abraço
em que os seus labios se unem p'ra o beijar...

II

SUA BONDADE:

Um filho vem, mais um e um outro ainda..
Fonte da vida, a vida corre enquanto
do seu amor jorrar, em flúido, o encanto
que aos olhos d'outro amor a torna linda.

Cada vida que vem ao mundo em pranto
é p'ra o seu amplo coração bem vinda.
E já não sabe (se esse amar é tanto!)
onde o filho começa e onde a mãe finda.

E como em roda o azul do ceo pendente
se curva e pousa em terra e pensa a gente
que êle está perto—e é a Imensidade,

assim a alma da Mãe—ilimitada,
abraça o filho, mas, aperfilhada,
passa no lento abraço—a Humanidade.

Manuel Ribeiro.

Um dilema

(Escérto, inédito, dos *Sermões da Montanha*)

—... Por isso quando afirmas: «sou sincero» — não sabes o que dizes, e quando avanças essa outra afirmativa de que rasgarás o habito no dia em que te convenças da falsidade da tua seita, — mentes como um poltrão!

— Pois fica sabendo: eu sou sincero.

— Se assim, tanto melhor, porque vais já renegar á tua fé. Atende-me pois alguns momentos, séria e serenamente. Dize me: Segundo a tua *lei*, quem fez o universo?

— Deus.

— Quem lhe deu as leis que o rejem, sustentam e guiam na sua marcha?

— Deus tambem.

— E' êle portanto o regulador de todos os movimentos e revoluções cósmicas?

— Ele, sem duvida.

— Ele que manda as chuvas e os ventos?

— Sim, êle e só êle.

— Fórma, portanto, as tempestades, fazendo correr as nuvens pelo espaço...

— Deus manda tudo, ordena tudo, prevê tudo!

— Manda, portanto, a luz?..

— Manda a luz.

— Manda, portanto, os raios?

— Sim, manda tambem os raios.

— Basta. Agora dize-me só: se fosses tu o autor dos mundos, o regulador de todos os movimentos e fenómenos do universo, e tivesses além d'isso, uma boa mãe, mãe carinhosa, mãe divina, serias tu capaz de lhe mandar um raio que a partisse?

— Não percebo o que queres dizer ..

— Pois é bem simples. Quero eu dizer que esse teu Deus *clemente*, um belo dia pegou num feixe de coriscos fulminantes e sem mais respeitos humanos (já não digo divinos) descarrega-os sobre a sua pobre mãe, que, de mais a mais, nesse momento estava só, sem alpendre nem pára-raios que a protejesse das cóleras do filho...

— Onde? Quando?

— Ha anos, no Sameiro, por ezemplo... Ou não seria êle? Responde...

— Isso, são misterios...

— Ora aí está como tu és sincero. Achas-te em frente d'um absurdo monstruoso e pára não cederes á verdade flagrante, dizes que são misterios. Pois eu digo que são parvoíces.

E é essa a vossa coërencia! E' essa a vossa sinceridade!

O que vocês são (porque tu és como os outros e os outros todos como tu) é arranjistas; o que vocês são é hipocritas.

No fundo do vosso coração ha o mesmo desejo, os mesmos sentimentos e intenções d'aquêle personajem de Aristofanes que declama: «E' pelo Deus das riquezas (Plutus) que Jupiter reina; é por êle que se fazem sacrificios.» E noutro ponto: «Outrora, quando os homens eram pobres, os templos estavam sempre cheios de adoradores e, portanto, de oferendas. Hoje porém não se veem senão alguns poltrões ou rameiras, que entram apenas para fazer as suas sujidades. Mas tambem, — acrescenta o digno sacerdote helenico — eu vou dizer adeus a Jupiter!»

Eis o que são os padres, em tôdos os cultos e em tôdos os paizes ..

Tomaz da Fonseca.

A deficiencia do divorcio

«Sou partidario do casal cuja união se torna indissoluvel pelo amor. Sou partidario do homem e da mulher que amaram, tiveram filhos e se amaram sempre, um ao outro, até á morte. Nisto consiste a verdade; nisto consiste a beleza; nisto consiste a felicidade.

Estou, por conseguinte, pela absoluta liberdade no amor; e se o divorcio é necessario, deve ser concedido livremente, por mutuo consentimento, e mais ainda pela vontade de uma das partes».

Emilio Zola

O incremento que vai tomando a campanha levantada em favor do estabelecimento da lei do divorcio, disperta-me a vontade de dizer tambem alguma coisa do que penso sobre esse assunto agora em debate e ao qual demasiada importancia me parece atribuirem os seus adeptos para a libertação das mulheres d'este estado de opressão asficsiante que lhes é imposto não só pelas instituições e perversidade dos

homens, mas tambem, e muito principalmente, pela sua humildade e ignorancia.

Eu fui, em tempos idos, um apolojista fervoroso do divorcio Mas o estudo da natureza, a analize filosofico-cientifica e o raciocinio desobstruido de preocupações e de rotinas, fizeram com que esse meu fervor se fosse a pouco e pouco arrefecendo, e, na hora presente, não só o divorcio já me não contenta, como tambem já nêle não vejo as vantajens que então via e que muita gente pretende atribuir-lhe ainda.

Antes de proseguir, direi que, se não apôio, tambem não pretendo combater a pretensão das feministas portuguezas. O divorcio, repito, não me satisfaz por deficiente; mas não nego que êle signifique um progresso para a opinião publica, pois que começa-se a compreender que a indissolubilidade do matrimonio é, por anti-natural, estúpida e absurda. Ele significa, para mim, mais alguma coisa ainda: a tendencia para o meu ideal — a obsoluta liberdade nas relações secsuais.

Mas o que é necessario é convencerem-se as mulheres de que o divorcio não conseguirá pôr termo á escravidão secsual a que nescia e infamemente estão sujeitas por uma hipocrita moral oficial, por preconceitos parvos e pela criminosa autoridade que insiste em rejer as funções mais indispensaveis do organismo humano.

O divorcio não é outra coisa do que mais uma estaca inutil aplicada a este enorme e secular edificio social com o baldado intuito de o equilibrar de pé durante mais algum tempo. Mas, por mais estacas que se lhe apliquem, o seu desmoronamento será fatal, porque a podridão encontra se nos seus alicerces.

A meu vêr, o divorcio tem apenas uma só deficiencia, é verdade; mas uma deficiencia que é enorme, que é importantissima. Essa deficiencia é—a liberdade.

Sendo a mulher a unica proprietaria do seu proprio corpo, sendo o áto da cópula tão natural como o da alimentação e o da escreção, e sendo a satisfação das necessidades secsuais tão necessarias ao homem como á mulher, eu entendo que, como aquêle, esta tem o direito de se entregar francamente ao homem para quem se sente atraída fisica e moralmente, no momento em que a sua carne se sente convulsionada e os seus seios ajitados, no momento em que a natureza lhe ordena que ame e se abandone.

Porque o amôr puro, o amôr verdadeiro, o amôr moralisador é aquêle que é consagrado por uma elei-

ção livre e por simpatia recíproca, eu entendo que a mulher deve unir-se sem precizar da sanção de pessoa alguma.

Entendo tambem que, podendo a mulher dispôr do seu corpo como muito bem lhe aprouver, e havendo, como ha, organismos anormais, insatisfeitos, essencialmente inconstantes, eu entendo que a mulher tem o direito de mudar de relações tantas vezes quantas queira, tantas quantas o ezija o seu organismo ou a sua psicolojia até encontrar o companheiro que preencha o seu ideal, que lhe possa proporcionar a inteira felicidade.

Em resumo: entendo que a situação da mulher deve ser ezatamente como a do homem; isto é, reconheço a ambos os sécsos o direito igual de se unirem e de se separarem, quando a sua vontade assim o determine.

A falta d'esta liberdade, quer dizer, a não ezistencia da faculdade de dois sêres que vivem em comum se separarem quando ambos ou um só assim o queira, quaisquer que sejam os motivos determinantes d'essa vontade, é o mais importante defeito, o maior inconveniente que eu encontro no divorcio.

Com efeito, a lei opõe á separação secsual grandes dificuldades.

A dissolução do matrimonio não póde levar-se a cabo por mera vontade dos cónjujes, senão que são necessarias causas, e muito graves, que são determinadas e especificadas pela lei. Fóra d'esses casos legalmente enumerados e prescritos, o divorcio não é possivel. D'esta restrição de casos advem muitas vezes a necessidade, principalmente para a mulher, a eterna vítima, a ludibriada de sempre, de maquinar pretêstos para poder divorciar-se.

Além d'isso, o Estado quer saber os motivos porque se requer a separação; quer ouvir as acusações do queixoso e as alegações do queixado; ezije testemunhas e precisa de provas palpaveis sem as quais não declarará a separação.

Não ficam, porém, por aqui, as dificuldades postas pela lei á dissolução do matrimónio. Pâra se obter o divorcio, é preciso um processo nos tribunais. Ora, esse processo não se faz sem despezas, sem dinheiro, e não demanda mui pouco. D'aí êsse processo de separação não ser acessivel aos pobres, isto é, ás tres quartas partes, pelo menos, da população. (Nesta dificuldade talvez nunca tivessem pensado as senhoras que se empenham na lei do divorcio...)

Além de dificil por tudo o que deixo esposto, o di-

vorcio tem um outro defeito que é o de ser um processo de separação muito demorado. Primeiro que a separação se realize, a demanda judicial ha de seguir os trâmites que são da lei e da praxe até á sentença do juiz, no que se consumirá ainda bastante tempo, como é de costume em todas as demandas.

Essa morosidade póde redundar numa tortura cruel principalmente para a mulher. Suponhâmos o caso de o divorcio ser reclamado pela mulher (aparentando uma outra razão, é claro, por isso que a lei não consente o desquite pela simples vontade de uma das partes), porque aborrece o marido e ama um outro a quem se deseja ligar. Essa mulher não poderá entregar-se ao seu novo amante antes que o processo que intentou termine, quer dizer, essa mulher não poderá satisfazer os seus desejos no momento em que a sua carne faminta de amôr se contorce voluptuosamente. Ela terá que esperar pela hora em que a sentença do juiz lh'o determine. A mim, que de moral tenho por noção a obediencia á natureza, este facto afigura-se-me profundamente imoral.

Fazer depender de outrem, dos representantes do governo, a faculdade de dois seres se poderem separar; consentir que o Estado se intrometa no que a vida de um Homem tem de mais intimo; permitir que os segredos de um casal, que os seus atos mais particulares sejam desvendados, esmiuçados, ezaminados, escritos e arquivados depois de patenteados a todo o mundo, parece-me nesciamente absurdo, vergonhosamente humilhante, altamente escandaloso.

Pobre mulher! Quão longe estás da dignidade que eu desejo que tu possuas! Como estás tão longe da posição elevada e digna que eu ambiciôno para ti! Como estás tão distante de poderes alcançar a felicidade que eu te almejo com todo o aféto do meu coração!

Desgraçado sêr, que ainda não compreendeste que tens direito a ser livre, completamente livre; que ninguem, a não ser tu propria, póde dispôr do teu cérebro, do teu coração e do teu corpo!

Desgraçado sêr, que ainda pedes ao Estado licença para unires o teu corpo ao corpo do teu amado, e que ainda vais pedir aos homens, aos lejisladores, que te enumerem os casos em que poderás negar a tua carne ao homem a que te uniste, mas por quem agora sentes repulsão invencivel!

Que vergonhosa e humilhante situação tu procuras com as tuas proprias mãos, mulhér! Pois não te

sentirás envergonhada, minha amiga, por veres servirem de passatempo e comentariados boçalmente por toda a gente, todos os teus segredos de alcôva, tudo o que constitue a parte mais respeitavel e mais intima da tua vida? Pois não te sentirás humilhada, minha companheira, por teres que esperar que meia duzia de senhores, que tu não conheces, decidam, petulantemente, se pódes ou não abandonar o leito do marido a quem aborreces ou entregares-te ao prazer delirante do teu novo amor?

Quando soará a hora — ó minha desventurada irmã! — de compreenderes que o unico lejislador do teu corpo és tu, que o teu unico código é o que está escrito na natureza e que o teu unico juiz é a tua propria razão?!

PINTO QUARTIM.

ESPEDIENTE

A' Imprensa roga-se a subida fineza de enviar á nossa redação um ezemplar do jornal em que se façam referencias á «A'manhã».

— Todos os artigos publicados nesta revista que não levem a indicação de tradução ou da sua procedencia se são transcritos, são garantidamente inéditos.

— Os artigos assinados são da absoluta responsabilidade dos seus autores

— Esta revista não reserva para si o direito de reprodução; todavia, quando por ventura se julgue digno de transcrição qualquer artigo seu, ser-nos-á assaz grato vêr anotada a sua procedencia. Igual procedimento usaremos pára com os nossos colegas do periodismo.

— «A'manhã», noticiará e apreciará com imparcialidade qualquer obra literária de que lhe seja enviado um ezemplar.

O prócimo número aparecerá a 15 de junho.

A'MANHÃ

Revista popular de orientação racional

(Aparece nos dias 1 e 15 de cada mez)

Publica estudos sociologicos e de educação moderna, contos, poesias, criticas, musicas, canções, retratos, desenhos artisticos, etc., etc.

Preços das assinaturas

Para o continente, Espanha, ilhas e colonias portuguêsas:

Serie de **6** números (trimestre) incluindo o importe do correio	**150**
Serie de **12** números (semestre)	**300**
Numero avulso	30
Para o Brasil (moéda fraca)	
Serie de 12 números (semestre)	1$500
Serie de 24 números (âno)	3$000
Para os outros paizes:	
Serie de 12 números (semestre)	2 fr.
Serie de 24 números (âno)	4 fr.

Pagamento rigorosamente adiantado que póde ser feito em estampilhas continentais — Acresce a despeza da cobrança quando esta se fizer pelo correio.

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respétiva importancia.

Todas as pessôas que nos enviarem diretamente uma lista de déz assinaturas *garantidas*, receberão gratuitamente a revista «A'manhã».

AJENTES

Aceitam-se em todas as terras onde ainda os não haja, concedendo-se a percentajem de 20% em cada ezemplar e garantindo-se uma assinatura gratuita logo que angariem um numero superior a 10 compradores, sendo por conta da administração todos os gastos da remessa e devolução dos ezemplares.

Venda de livros

A administração da revista «A'manhã» satisfaz com prontidão todas as encomendas de livros quer nacionais quer estranjeiros que venham acompanhados da importancia correspondente, bem como se encarrega de tomar assinaturas para todas as publicações periodicas da Europa e da America.

Esta revista encontra-se á venda nas principais livrarias, quiosques e tabacarias do paiz.